



II Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica,
Tecnologia Assistiva e Inclusão

CADERNO DE RESUMOS

2025

CADERNO DE RESUMOS DO II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA, TECNOLOGIA ASSISTIVA E INCLUSÃO

30 e 31 de outubro de 2025 (Edição Híbrida)

<https://www.even3.com.br/simposiogepticsh2025>

Reitoria da Universidade

Ismael Forte Valentin

Cursos de Pós-Graduação e Coordenadores

Mestrado em Educação: Profa. Dra. Alessandra Maria Sabatine Zambone – UMESP

Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica – GEPICSH

Elaine Gomes Vilela (Dra.) – UMESP
Adriana Barroso de Azevedo (Dra.) – UMESP

Comissão Organizadora do Evento

Adriana Barroso de Azevedo (Dra.)
Elaine Gomes Vilela (Dra.)
Wharley dos Santos (Dr.)
João Paulo Navega Roque (Esp.)

Comissão Científica

Elaine Gomes Vilela (Dra.) – UMESP
Fernanda Falkoski (Dra.)
Fernando Henrique Fogaça Carneiro (Dr.)
Katia Lourenço (Dra.)
Lucimar Bizio (Dr.)

Marcia Noronha de Mello (Dra.) – Instituto Benjamin Constant (IBC)
Shirley Rodrigues Maia (Dra.) - AHIMSA
Wharley dos Santos (Dr.) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC)

Organização do Caderno de Resumos

Wharley dos Santos (Dr.) – UFSC
João Paulo Navega Roque (Esp.) – UMESP

Revisão de Provas¹

João Paulo Navega Roque (Esp.) – UMEPS

Apoios

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
Academia Trados
Universidade de Antofagasta (Uantof)
Want Accessibility
Grupo Brasil de apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial
Navega e Leal – Consultoria Pedagógica
Vias do Saber – Clínica Multidisciplinar
Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional
Orbicom - Network of UNESCO

FICHA CATALOGRÁFICA

Si57a	<p>Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão (2. : 2025 : São Bernardo do Campo, SP) Anais do II Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão, 30 e 31 de outubro de 2025: caderno de resumos [recurso eletrônico] / Organização de Adriana Barroso de Azevedo ... [et al.]. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São Paulo, 2025. 22 p.</p> <p>ISBN 978-85-7814-632-0</p> <p>1. Comunicação háptica 2. Surdocegos - Educação 3. Inclusão social - Comunicação 4. Inclusão social (Pessoas com deficiência) 5. Pessoas com deficiência - Acessibilidade I. Vilela, Elaine Gomes II. Santos, Wharley dos III. Roque, João Paulo Navega IV. Título</p> <p>CDD 371.9</p>
-------	---

¹ A responsabilidade integral pelo teor final dos resumos apresentados repousa sobre as autoras e autores.

Apresentação

O Caderno de Resumos do II Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão reúne produções acadêmicas que expressam o avanço e a consolidação de pesquisas, práticas e reflexões interdisciplinares voltadas à acessibilidade, à inclusão e ao direito à comunicação em diferentes contextos sociais, educacionais e culturais.

Esta publicação resulta de um evento que se constitui como espaço de diálogo científico e formativo entre pesquisadores, profissionais, estudantes e demais interessados nas temáticas da surdocegueira, da comunicação social háptica, da comunicação tátil, da guia-interpretação, das tecnologias assistivas e das políticas de inclusão. Os trabalhos apresentados refletem a pluralidade de perspectivas teóricas, metodológicas e experienciadas que atravessam esse campo em construção, evidenciando a centralidade do corpo, do tato, do movimento e das interações sensoriais na produção de sentidos e na mediação do conhecimento.

Organizados a partir de eixos temáticos que contemplam a educação inclusiva, os direitos das pessoas com deficiência, a formação de profissionais, as práticas pedagógicas, esportivas e culturais, bem como os estudos linguísticos, semióticos e comunicacionais, os resumos aqui reunidos reafirmam a comunicação como fenômeno social, relacional e situado. Nesse sentido, destacam-se abordagens que reconhecem a surdocegueira como deficiência única e que valorizam sistemas comunicacionais táteis e hápticos como linguagens estruturadas, fundamentais para a participação social e para o exercício pleno da cidadania.

Este caderno materializa o compromisso do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH), da Universidade Metodista de São Paulo e das instituições parceiras com a produção e a difusão de conhecimento científico socialmente referenciado, sensível às singularidades humanas e orientado pela ética da inclusão. Ao reunir contribuições nacionais e internacionais, a obra fortalece redes de pesquisa, fomenta o intercâmbio acadêmico e amplia a visibilidade de estudos ainda emergentes no cenário científico.

Agradecemos aos autores e autoras pela confiança e pela qualidade das contribuições, à comissão científica pelo rigor na avaliação dos trabalhos, à comissão organizadora e aos apoiadores institucionais pelo empenho na realização do Simpósio. Esperamos que esta publicação contribua para o aprofundamento dos debates, inspire novas pesquisas e subsidie práticas comprometidas com a construção de uma sociedade mais acessível, equitativa e comunicacionalmente plural.

Profa. Dra. Adriana Barroso de Azevedo
Coordenação da Organização do Evento

II Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão

Sumário

Programação do Evento.....	5
30 de outubro de 2025	5
31 de outubro de 2025	5
Apresentação de Trabalhos: BANNERS	6
SURDOCEGUEIRA EM CONTEXTO DO AEE: ATUAÇÃO QUE COLABORA COM PRÁTICAS INCLUSIVAS	7
COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA PARA COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIA NA PRÁTICA DO TAKKYU VOLLEY	8
O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS: ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL OUVINTES NA GRADUAÇÃO.....	8
COMUNICAÇÃO TÁTIL: A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA POR MEIO DO TATO	9
MULTIDIMENSIONALIDADE NA COMUNICAÇÃO HÁPTICA PARA SURDOCEGOS.....	10
Apresentação de Trabalhos: COMUNICAÇÕES	11
OFICINAS MULTISSENSORIAIS DE LEITURA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	13
SEMIÓTICA DE SURDOCEGUEIROLOGIA: HAPTICA, LIBRAS-TÁTIL E GUIA-INTERPRETAÇÃO – ASPECTOS REFLEXIVOS, PRÁTICOS E INCLUSIVOS	14
HAPTIC COMMUNICATION IN BRAZIL	15
INVISIBILIDAD DEL ANALFABETISMO PRESENTE EN PARTE DE LA COMUNIDAD SORDA EN CHILE.....	16
CORPO, MOVIMENTO E SENTIDOS: BASES MERLEAUPONTYANAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS PRIMEIRAS INFÂNCIAS.....	17
CO-DOCÊNCIA NO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS UTILIZANDO O TATO E A AUDIÇÃO PARA ESTUDANTES COM CEGUEIRA.....	18
ENCONTRO POSSÍVEL: CRIANÇA SURDOCEGA E APRENDIZAGEM NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA À LUZ DA BNCC.....	19
FORMAÇÃO DE GUIAS-INTÉRPRETES NO PAR LIBRAS-PORTUGUÊS NO BRASIL: ANÁLISE DE UM CURSO DA AHIMSA A PARTIR DO PLANO DE ENSINO	20
GESTÃO DA GUIA-INTERPRETAÇÃO: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES DE UMA POLÍTICA NO BRASIL	20
(DES)COMPLICANDO A SURDOCEGUEIRA E A GUIA-INTERPRETAÇÃO: UMA PROPOSTA DE MINICURSO	22

Programação do Evento

30 de outubro de 2025

Palestra de Abertura

Prof. Dr. Ismael

Prof. Dra. Adriana Azevedo (UMESP)

Prof. Dra. Alessandra Zambone (UMESP)

Mesa Temática | Deficiência Multissensorial: alfabetização e mediação pedagógica

Prof. Dra. Shirley Maia (AHIMSA)

Prof. Dra. Fernanda Falkoski

Palestra | Comunicação Social Háptica: construção histórica

Riitta Lahtinem

Prof. Dr. Fernando Carneiro

Prof. Me. Stephanie Vasconcelos (UFSCar)

Palestra | Aspectos cinestésico da aprendizagem

Prof. Dra. Katia Lourenço (Universidade de Antuofagasta)

Katia Riveros

Emílio Hormozabal

Mesa Temática | Guia-interpretação e formação: pesquisas atuais

Prof. Dr. Wharley dos Santos (UFSC | Academia Trados)

Prof. Esp. João Paulo Navega Roque (Vias do Saber | UMESSP)

31 de outubro de 2025

Palestra | Guia-interpretação e legislação: aspectos socioprofissionais

TILSP Esp. Lenildo Souza (Febrapils | INES | Unisuam)

Mesa Temática | Surdocegueira: protagonismo, perspectiva e militância

Carlos Jorge

Cláudia Sophia

Mesa Temática | Semiótica tátil: desenvolvendo possibilidades de uma língua cinestésica

Prof. Dra. Elaine Vilela (UMESP)

Prof. Dr. Roberto Chiachiri (UMESP)

Prof. Dr. Marcelo Furlin (UMESP)

Palestra de Encerramento

Prof. Dra. Adriana Azevedo (UMESP)

Apresentação de Trabalhos: BANNERS

Eixo: Inclusão e Processos Educacionais

- Surdocegueira em contexto do AEE: atuação que colabora com práticas inclusivas
Autora: Rosa Maria Carneiro
- Comunicação Social Háptica para comunicação e estratégia na prática do Takkyu Volley
Autor: Jorge Sidnei de Andrade
- O ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras: estudantes com deficiência visual ouvintes na graduação.
Autores: Alda Leaby Oliveira de Araújo Caetano, Hoverdiano Cesar Pereira Caetano
- Comunicação Tátil: a construção de memória por meio do tato
Autoras: Raquel Delgado Ramos, Sara Araujo Dos Santos, Francisca Neviana Silva de Oliveira

Eixo: Comunicação Social Háptica: aspectos teóricos e práticos

- Multidimensionalidade na comunicação háptica para surdocegos
Autor: Rodrigo Rodrigues Machado

SURDOCEGUEIRA EM CONTEXTO DO AEE: ATUAÇÃO QUE COLABORA COM PRÁTICAS INCLUSIVAS

Rosa Maria Carneiro²

Diante de uma realidade inclusiva que vem se ampliando em nossa sociedade, do respeito às diferenças e da necessidade de conviver na diversidade como meio de estabelecer condições que valorizem os direitos e a garantia do desenvolvimento biopsicossocial de cada indivíduo, realizou-se em contexto de Atendimento Educacional Especializado Bilíngue (professora com experiência linguística sinalizada) o trabalho de estimulação para segurança alimentar com uma aluna surdocega congênita em faixa etária de escolarização no ensino fundamental I. O percurso de ensino e estimulações considerou uma abordagem funcional que salienta a aprendizagem significativa centrada em experiências reais do cotidiano como a alimentação. Com base em alguns quesitos sobre os direitos de aprendizagem, abordados pela BNCC (conviver, participar e explorar), a proposta de ensino para alimentação autônoma foi elaborada com o objetivo central de contribuir para a aprendizagem da aluna surdocega a partir do trabalho colaborativo entre o AEE, professor da sala comum e o profissional de apoio que acompanha a aluna em ambiente escolar. A metodologia adotada baseou-se na proposta de movimento coativo no horário de alimentação, onde a aluna era estimulada via olfato e por meio do tato ao manusear a colher com recurso do engrossador para melhor condição de segurá-lo. A experiência evidenciou que o trabalho no contexto do Atendimento Educacional Especializado Bilíngue trouxe, a partir de uma abordagem funcional, que a especificidade da aluna necessita de maiores olhares e estímulos de atividades de vida diária em situação funcional, e isto contribui com melhores possibilidades para a aluna no seu desenvolvimento diário, tanto em ambiente familiar quanto escolar, pois ampliou o aspecto do movimento motor, a consciência de si mesma e a interação com objetos que fazem parte do seu dia a dia. Os resultados indicaram que a aluna surdocega ao longo do trabalho de estimulação de quase dois anos, desenvolveu autonomia para sua alimentação, e que até o presente momento tem feito o uso desta habilidade com autonomia e segurança, mas que precisa sempre de estímulos para continuar em seu desenvolvimento e percurso de aprendizagem.

Palavras-chave: Surdocego; inclusão; processo de ensino e aprendizagem.

² Contato: lerosaflor@gmail.com

COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA PARA COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIA NA PRÁTICA DO TAKKYU VOLLEY

Jorge Sidnei de Andrade³

Será abordado neste trabalho o esporte o *Takkyu Volley* (TKV), esporte adaptado de origem japonesa praticado ao redor de uma mesa de tênis de mesa. O *Takkyu Volley* promove a socialização e a reinserção de indivíduos em grupos, fortalecendo vínculos e contrastando a exclusão social. Esse esporte é usado como mais uma ferramenta, por parte dos profissionais de Orientação e Mobilidade, na reabilitação de pessoas com deficiência visual na Fundação Dorina Nowill para Cegos. Para contribuir tanto para a estratégia de jogo em ambientes ruidosos quanto para a participação plena de atletas com deficiência sensorial, múltiplas deficiências ou surdocegueira, a possibilidade de uso da comunicação social háptica, caracterizada pelo uso do tato para transmitir informações, é uma ferramenta essencial em contextos de inclusão e comunicação. O estudo teve como objetivo analisar a possibilidade de aplicação da comunicação social háptica no contexto do TKV, destacando sua relevância para a comunicação estratégica durante as partidas e para a inclusão de pessoas com deficiência visual ou com surdocegueira, ampliando sua autonomia e senso de pertencimento. A pesquisa baseou-se em revisão teórica sobre Comunicação Social Háptica e suas categorias, análise de sistemas aplicáveis como a *Social-Haptic Communication* e o *Protactile*, e identificação de sinais táteis que podem ser incorporados ao TKV para fins estratégicos e inclusivos. Mas tudo isso só pôde ser considerado a partir da prática do esporte com pessoas com deficiência visual, diferentes idades, habilidades e condições físicas, que passaram ou ainda estão passando por processo de reabilitação na Fundação Dorina Nowill para Cegos, assim como vivências propostas em eventos, congressos, encontros nacionais e internacionais com pessoas também com surdocegueira. Os resultados indicam que a utilização de sinais táteis padronizados pode melhorar a sincronia da equipe em ambientes ruidosos, reduzindo a dependência da visão e audição e favorecendo a inclusão de pessoas surdocegas, permitindo percepção em tempo real, participação tática e interação emocional. A partir da observação e oportunidades proporcionadas pelo esporte é possível notar que a comunicação social háptica no TKV pode não apenas otimizar estratégias de jogo, mas também fortalecer a coesão da equipe e ampliar o acesso equitativo ao esporte. Além disso, demonstra potencial para superar barreiras comuns em ambientes esportivos competitivos e em torneios com múltiplas mesas e equipes. Conclui-se que a possibilidade do uso da comunicação háptica é um recurso transformador no TKV, promovendo acessibilidade, inclusão social, melhoria de desempenho em contribuição com a proposta desse esporte que é ser uma modalidade que respeita os parâmetros universais da acessibilidade. Sua implementação demanda treinamento prévio, padronização de sinais e sensibilização das equipes, oferecendo benefícios técnicos e humanos significativos para o esporte adaptado. Comunicação Social Háptica para Comunicação e Estratégia na Prática do *Takkyu Volley*.

Palavras-chave: Esporte adaptado; surdocegueira; comunicação.

O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS: ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL OUVINTES NA GRADUAÇÃO

Alda Leaby Oliveira de Araújo Caetano⁴

³ Contato: jorgeincena@gmail.com

⁴ Contato: alda.leaby@professor.ufcg.edu.br

Este estudo busca conhecer recursos de ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras para estudantes com deficiência visual ouvintes na graduação. A Libras é uma língua visuoespacial da comunidade surda. Pessoas com deficiência visual ouvintes, enfrentam desafios no seu aprendizado, pois sua compreensão depende de recursos visuais. Desse modo questiona-se: como professores, surdos e ouvintes, podem ensinar Libras a esse público e quais recursos podem tornar esse processo viável e eficaz? Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior que está em fase de desenvolvimento. Sendo assim, surge nossa pergunta norteadora: Quais recursos, podem ser usados para otimizar o processo de ensino da Libras para estudantes com deficiência visual ouvintes na graduação? O objetivo é conhecer recursos de ensino da Libras, que respeitem as especificidades de estudantes com baixa visão ou cegueira, promovendo uma reflexão sobre o ensino dela, seja na modalidade presencial ou remota. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa. Entre os achados preliminares, destaca-se a Libras tátil como uma possibilidade concreta de comunicação tradicionalmente utilizada por pessoas com surdocegueira (Lupertina; Walter, 2021), Vilela (2020), Moreira (2024), ela também pode ser explorada por estudantes com deficiência visual ouvintes, uma vez que desloca a percepção da modalidade gesto-visual para o gesto-tátil (Oliveira; Oliveira, 2022). Outra estratégia identificada foi a Audiodescrição Didática (ADD), compreendida não apenas como tradução de imagens em palavras, mas como um recurso que possibilita experiências de aprendizagem mais ricas e autônomas (Vergara, 2016). Além disso, o levantamento indicou a importância de recursos multissensoriais e de tecnologias assistivas, materiais táteis, tridimensionais, texturizados, sons e dispositivos tecnológicos contribuem para uma experiência de aprendizado mais dinâmica e interativa (Soler, 1999; Bersch, 2017). Contudo, a participação dos serviços da monitoria inclusiva por um monitor usuário da Libras para, durante as aulas, sendo aula presencial estar junto com o estudante, contribui para esse processo formativo, pensando esse estudante como futuro professor. De forma geral, os resultados parciais apontam que, embora a produção científica sobre o ensino da Libras para estudantes com deficiência visual ouvintes ainda seja incipiente, já existem recursos capazes de viabilizar este ensino. Ressalta-se, contudo, que tais achados representam apenas um recorte inicial da pesquisa, sendo necessária a continuidade do estudo para aprofundar análises, mapear experiências práticas e consolidar diretrizes pedagógicas aplicáveis ao ensino na graduação. Concluímos, que as contribuições deste estudo aqui apresentado em andamento, amplia o debate acerca da utilização de recursos no ensino de uma língua visuoespacial a estudantes que não dependem da visão para aprenderem a Libras, evidenciando a importância da formação docente e da produção de materiais específicos.

Palavras-Chave: Libras; deficiência visual; metodologias.

COMUNICAÇÃO TÁTIL: A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA POR MEIO DO TATO

Raquel Delgado Ramos⁶

Sara Araujo Dos Santos⁷

Francisca Neviana Silva de Oliveira⁸

A missão da Ahimsa consiste em qualificar a vida de pessoas com surdocegueira, com deficiência múltipla sensorial, pessoas com TEA e com síndromes raras, assegurando-lhes comunicação, independência, autonomia nas atividades de vida autônoma e o desenvolvimento de um estilo

⁵ Contato: hoverdiano@gmail.com

⁶ Contato: raquel.dr@hotmail.com

⁷ Contato: sara.ribeiroaraujo01@gmail.com

⁸ Contato: nevianasilva@hotmail.com

próprio de aprendizagem que favoreça a inclusão social. A instituição foi fundada em 1991 por 26 profissionais especializados na educação de pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, que atuavam em diferentes cidades e estabeleceram o serviço no município de São Paulo, inicialmente com atendimentos educacionais e domiciliares. Neste estudo foram observadas duas estudantes pertencentes ao programa Escola de Educação Especial (EEE). A estudante A, com 7 anos, possui diagnóstico de Paralisia Cerebral (CID H54.0) e Cegueira Cortical irreversível (G80), conforme documentações entregues pelos responsáveis no momento da matrícula. É usuária de cadeira de rodas e frequenta o Instituto Ahimsa de segunda a sexta-feira. A estudante M, com 9 anos, também atendida no período vespertino, apresenta deficiências associadas classificadas como CIDS/H.54.4, microanofthalmia com cegueira; H90, perda auditiva profunda; Q02, microcefalia; F71, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor moderado; além de anomalia renal com duplicidade pielocalicial e CIA tipo OS. O estudo teve como objetivos analisar as possibilidades de uso de estratégias perceptivas, sociocognitivas, cognitivas e metacognitivas, bem como promover a comunicação e o desenvolvimento da linguagem por meio de toques, sinais e exploração tátil. Para tal, utilizou-se o material referente às estratégias de aprendizagem que apoiam a memória de trabalho tátil, produzido pelo grupo de Pesquisa sobre Memória de Trabalho Tátil do *Nordic Welfare Center*, coordenado pelo Dr. Jude Nicholas. Na etapa inicial de aplicação e verificação da escala de memória de trabalho tátil, o foco recaiu sobre a estratégia de “convidar o estudante para um diálogo sobre o que e como ele/ela pensa (conversa metacognitiva)”. O parceiro de interação media essa estratégia conversacional, incentivando a pessoa a refletir conscientemente sobre seu aprendizado e processos de pensamento. Seguiram-se, ainda, orientações do material que recomendam “envolver a pessoa em uma conversa direcionada a um objetivo”, estimulando-a a abordar uma tarefa tátil-corporal de forma ordenada, identificando início, etapas e finalização da atividade por meio de perguntas como “o que você vai fazer primeiro?”, “o que acontece depois?” e “o que vai acontecer no final?”. As observações revelaram que cada estudante se encontra em um estágio distinto de aprendizagem, embora ambas sejam diretamente influenciadas pela comunicação social háptica, sobretudo pelas estratégias metacognitivas, que organizam informações, monitoram comportamentos e favorecem processos de aprendizagem autodirigida.

Palavras-chave: Comunicação tátil; comunicação social háptica; memória tátil.

MULTIDIMENSIONALIDADE NA COMUNICAÇÃO HÁPTICA PARA SURDOCEGOS

Rodrigo Rodrigues Machado⁹

Este resumo apresenta resultados da dissertação de mestrado desenvolvida por mim no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa foi motivada por uma inquietação advinda da minha experiência na prática de guia-interpretação para pessoas surdocegas. No âmbito da linha de pesquisa Design, Cultura e Materialidade, este estudo se enquadrou no campo do Design Inclusivo. Quanto aos objetivos, o objetivo geral consistiu no levantamento e na análise das características multidimensionais da comunicação háptica em relação à Libras tátil para surdocegos, considerando o ato de execução pelo guia-intérprete, de modo a facilitar e complementar a comunicação desse público. Identificar a estrutura e a funcionalidade do sistema de comunicação háptica e elaborar categorias de análise foram os objetivos específicos definidos para que se pudesse alcançar o objetivo geral. No que se refere à metodologia, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de vídeos indexados na plataforma YouTube. Para tanto, foram utilizadas categorias de análise elaboradas especificamente para a

⁹ Contato: machado.libras@gmail.com

observação da prática de guia-interpretação, tendo em vista que não foi possível testá-las presencialmente com surdocegos e guias-intérpretes. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico para investigar produções relacionadas ao tema. Em relação aos resultados, verificou-se que a comunicação háptica envolve a compreensão das múltiplas dimensões que constituem o processo comunicativo tátil. Nesse sentido, foi fundamental considerar, na análise, os aspectos e métodos presentes em cada uma dessas dimensões, entendidos como mecanismos subjacentes à comunicação háptica, a fim de garantir uma interpretação precisa e eficaz. Para tanto, as categorias de análise elaboradas contemplaram os seguintes tópicos: sensação ao toque, detectabilidade, dimensão, força de pressão e intuitividade. A utilização dessa ferramenta, aliada à observação dos vídeos, possibilitou a identificação da multidimensionalidade na Comunicação Háptica. Na discussão dos resultados, evidenciou-se que a tridimensionalidade está profundamente relacionada à sua dimensão espacial e tátil, mas vai além da simples percepção de formas, tamanhos, direções, localizações e movimentos no espaço físico ao redor do sinalizante, pois transmite informações complexas. Essas informações são captadas pelo corpo humano, que atua como interface de percepção para as pessoas surdocegas. Entretanto, considerar apenas a dimensão tridimensional não seria suficiente para abarcar, no processo de comunicação, os aspectos sensoriais, emocionais, sociais e contextuais do guia-intérprete e do surdocego. Com isso, esta pesquisa apresenta algumas dimensões que consideramos estruturantes da multidimensionalidade na comunicação háptica para surdocegos: sensorial, emocional, espacial, social, cultural, temporal, cognitiva e contextual. Por fim, nas conclusões, foi possível identificar a estrutura da comunicação háptica; as análises correspondentes foram facilitadas com base na elaboração das categorias de análise, e esse conjunto de ações resultou na identificação das dimensões que evidenciaram a multidimensionalidade desse sistema de comunicação.

Palavras-chave: Comunicação Háptica; multidimensionalidade; surdocegueira.

Apresentação de Trabalhos: COMUNICAÇÕES

Eixo: Comunicação Social Háptica: aspectos teóricos e práticos

- Oficinas multissensoriais de leitura para alunos com deficiência visual
Autora: Elaine Cristina da Silva
- Semiótica de Surdocegologia: háptica, Libras-tátil, guia-interpretação, aspectos reflexivos, práticos e inclusivos
Autor: Ezequiel Adney Lima da Paixão
- Haptic Communication in Brazil
Autora: Katia Lourenço

Eixo: Direitos das pessoas com deficiência

- Invisibilidad del analfabetismo presente en parte de la comunidad Sorda en Chile
Autora: Miriã da Costa Faria

Eixo: Inclusão e Processos Educacionais

- Corpo, movimento e sentidos: bases merleau-pontyanas para uma educação inclusiva nas primeiras infâncias
Autora: Katia Riveros Zepeda

- Co-docência no ensino da língua de sinais utilizando o tato e a audição para estudantes com cegueira.
Autor: Rafael Joanan Farías Moreno
- Encontro possível: criança surdocega e aprendizagem na primeiríssima infância à luz da BNCC
Autora: Maria A. Amin de Oliveira

Eixo: Interpretação e Guia-Interpretação: tradução, interpretação e formação

- Formação de guias-intérpretes no par Libras-português no Brasil: análise de um curso da AHIMSA a partir do plano de ensino
Autores: Gustavo Costa Rodrigues, Wharley dos Santos
- Gestão da guia-interpretação: observações preliminares de uma política no Brasil
Autores: Eliana Firmino Burgarelli, Pedro Henrique Witches
- (Des)complicando a surdocegueira e a guia-interpretação: uma proposta de minicurso
Autores: João Paulo Navega Roque, Gustavo Costa Rodrigues

OFICINAS MULTISSENSORIAIS DE LEITURA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Elaine Cristina da Silva¹⁰
Prof. Dra. Marcia de Oliveira Gomes

As oficinas fizeram parte da sequência didática usada na aplicação do produto educacional intitulado: “Oficinas multissensoriais de leitura para alunos com deficiência visual” do curso de Mestrado Profissional em ensino da deficiência visual do Instituto Benjamin Constant (IBC). O objetivo geral das oficinas foi fazer a experimentação na situação real de uso, como também, verificar se atendeu ao contexto determinado e se facilitou o entendimento da narrativa para a dinâmica e como objetivo específico possibilitar a imersão literária dos leitores com deficiência visual, por meio de recursos multissensoriais que lhes permitam o acesso à informações e experiências por meio de seus sentidos remanescentes. A sequência didática foi organizada, levando-se em conta o modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013), que apresentam como estrutura-base, a organização em módulos, que sintetizam e aprofundam o conteúdo didaticamente, e produções (pelo menos uma inicial e outra final), que possibilitem que se avalie o aprendizado. Para compreensão da narrativa trabalhada, a montagem dos módulos se pautou nas estratégias de leitura (Solé, 1998), que previam as atividades antes, durante e depois do ato de ler. A multissensorialidade se apresenta nesse trabalho de pesquisa como um recurso didático importante para leitura de textos literários. Para Solé (1998) a multissensorialidade é um método que se propõe a utilização de todos os sentidos para o ensino e aprendizagem, sendo importante para todos colocar em prática uma percepção mais ampla da informação científica, que nos comunica com o meio natural em que vivemos, e implementar desde a educação primária esse enfoque didático multissensorial. Para o autor (1999) esse é um método válido tanto para as pessoas com deficiência visual como para os enxergantes, pois se trata de um método de grande interesse para profissionais de educação dos alunos cegos e baixa-visão. Além disso, também é utilizado por pedagogos e psicólogos que trabalhem em equipes de assessoramento psicopedagógico no âmbito da educação escolar de alunos com deficiência ou problemas de visão, entre outros.

Palavras-chave: Oficinas; leitura; multissensorialidade.

¹⁰ Contato: elainecristina.silva29@gmail.com

SEMIÓTICA DE SURDOCEGLOGIA: HÁPTICA, LIBRAS TÁTIL E GUIA-INTERPRETAÇÃO – ASPECTOS REFLEXIVOS, PRÁTICOS E INCLUSIVOS

Ezequiel Adney Lima da Paixão¹¹

A surdocegologia, como campo interdisciplinar, integra conhecimentos da linguística, pedagogia, psicologia, acessibilidade e, cada vez mais, da semiótica – ciência dos signos. Nesse cenário, recursos como a háptica, a Libras tátil e o guia-intérprete são mais que ferramentas de acessibilidade: são sistemas semióticos complexos, com suas próprias regras, signos, contextos e interpretações. Este artigo propõe uma reflexão semiótica sobre essas práticas, explorando seus aspectos reflexivos, práticos e inclusivos. A háptica como sistema semiótico tátil. É um conjunto de sinais táteis usados para transmitir informações emocionais, espaciais ou ambientais. Cada toque, pressão ou movimento em uma parte do corpo da pessoa surdocega funciona como um signo tátil. A semiótica de Mikhail Bakhtin aplicada à surdocegueira oferece uma perspectiva rica e dialógica sobre a construção de sentido e a linguagem em contextos de deficiência sensorial severa. Vamos analisar isso em partes para esclarecer como a teoria bakhtiniana pode ser aplicada à surdocegueira. A surdocegueira geral da semiótica de Bakhtin entende a linguagem como um fenômeno dialógico, ou seja, a linguagem sempre acontece em uma relação entre sujeitos. Alguns conceitos centrais incluem, dialogismo, que diz: toda enunciação é uma resposta e provoca outra resposta. Todo signo é ideológico porque carrega valores, crenças e ideologias sociais. A surdocegueira não é apenas a soma de surdez e cegueira; é uma condição única, que afeta profundamente o acesso à linguagem, comunicação e interação social. A comunicação com pessoas surdocegas pode envolver: Libras tátil, escrita de sinais (leitura pelo toque da vibração ou relevo), escrita tátil. De acordo com Bakhtin, o corpo é sempre social e carregado de sentido. No caso de surdocegos, o corpo ganha centralidade como meio de significação: toque, pressão, ritmo e movimento tornam-se elementos semióticos. “O corpo comunica, responde e “ouve” pelo tato e os gestos não são apenas sinais físicos, mas signos sociais e ideológicos mediados pelo contexto”. As vozes sociais que formam a identidade de uma pessoa surdocega não são silenciosas. Mesmo com limitação de acesso a discursos orais ou visuais, elas participam da heteroglossia social por meio de: experiências culturais, comunidade surdocega e tradutores-intérpretes e mediadores comunicacionais. Contribuições da perspectiva bakhtiniana, rompe com a visão médica da deficiência, que foca na falta, valoriza a produção de sentido mesmo em contextos não convencionais, enxerga o surdocego como sujeito ativo, responsivo, participante do mundo discursivo, permite uma pedagogia dialógica, centrada na escuta (tátil, simbólica, afetiva) e na coautoria.

Palavras-chave: Semiótica de Bakhtin; surdocegueira; estudos surdocegos; surdocegologia.

¹¹ Contato: ezequielibrasw@gmail.com

HAPTIC COMMUNICATION IN BRAZIL

Katia Lourenço¹²

The emergence of haptic communication in Brazil is strongly linked to the trajectory of Carlos Júnior, a Deafblind man who became a pioneer in disseminating this system throughout the country. The first record of haptic signs in Brazil appears in the 2019 book *Práticas de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para Pessoas com Surdocegueira* (Lourenço et al.), where Carlos describes his experience of losing vision after being born profoundly Deaf: “A world without a face, without expressions, without intonations, without mobility... you only exist in my world if you touch me.” Between the ages of 14 and 23, due to Usher Syndrome, he gradually lost his vision and intuitively began to communicate through Tactile Libras, placing his hands over those of the signer to perceive linguistic structures through touch. In 2013, at the World Congress of Deafblind People in the Philippines, Carlos encountered haptic communication for the first time and recognized its potential to complement tactile sign language. Haptic communication, as structured by the Norwegian organization Hapti-Co and inspired by Trine Naess’s pioneering work, consists of an established set of tactile signs performed on neutral areas of the body (such as the back, arms, or legs). These signs transmit visual, emotional, and environmental information simultaneously with speech or sign language, allowing Deafblind individuals to access a richer communicative experience. In Brazil, this system is used not as a replacement for language but as a complementary resource that expands social interaction and accessibility for people with Deafblindness and other communication barriers, such as autism or medical conditions. It involves collaboration between two professionals: a guide-interpreter, who translates the verbal message into tactile sign language, and a tactile interpreter, who conveys haptic cues about emotions, spatial orientation, and the behavior of others. Through this socio-haptic approach, the Deafblind person gains access not only to linguistic content but also to the embodied dimensions of communication - posture, affect, and context - transforming isolation into connection. Haptic communication, thus, reaffirms the body as a living territory of dialogue, presence, and shared meaning within the field of inclusive education and Deafblind studies.

Key-words: Socio-haptic communication; Brazil; deafblind.

¹² Contato: katialourenco.sc@gmail.com

INVISIBILIDAD DEL ANALFABETISMO PRESENTE EN PARTE DE LA COMUNIDAD SORDA EN CHILE

Miriã da Costa Faria¹³

Actualmente se ha generado un movimiento, especialmente en la educación, para incluir a distintos grupos sociales de forma integral con el intento de considerarlos en cualquier actividad realizada en comunidad. Por este motivo, se han generado diversas leyes que exigen la inclusión de grupos minoritarios en distintos ámbitos y contextos, dentro de los cuales se encuentra la educación inmersa en esta realidad. Por medio de este movimiento, se ha formado la necesidad de una educación inclusiva que involucre a cualquier persona para recibir su educación de forma completa y de calidad. Sin embargo, cuando se trata de la comunidad Sorda, se ha observado un retraso en cuanto a las condiciones que ofrece la educación para enfrentar personas total o parcialmente sordas, que no solo requieren de herramientas especiales, como el caso de personas con algún NEE, sino también de un nuevo idioma. Se sabe que Chile cuenta con más de 700.000 personas con algún grado de pérdida de audición y que se vio en el deber de crear una ley que promueva la lengua de señas en la educación, tal como lo describe SENADIS: “Las autoridades destacaron la publicación de Ley N°21.303 que promueve el uso de la lengua de señas en la educación, mercado laboral, salud y otros ámbitos. En Chile existen 712.005 personas con discapacidad que tiene algún grado de pérdida de audición, y de ellas se estima que 179.268 personas tendrían sordera total.” (Servicio Nacional de la Discapacidad, 2021). Sin embargo, esta cifra no está actualizada, por lo que no se tiene un registro exacto. Cabe destacar también el dicho “No hay cifras exactas”, que responde el presidente de la Asociación de sordos de Chile (ASOCH), Gustavo Vergara, ante la pregunta de cuántas personas sordas hay en Chile. “Se maneja la cifra de 800 mil”, cifra la cual no ha hecho más que aumentar con el paso del tiempo. Otro punto importante que destaca Gustavo Vergara es que no todas las personas sordas saben lengua de señas, pero se trata de una herramienta tan importante como el audífono, el implante y la lectura labial ya que las personas que tienen discapacidad auditiva permanente solo podrían utilizar la lengua de señas y la lectura de labios para poder desenvolverse en la sociedad. Estos datos permiten evidenciar que parte de la comunidad Sorda en Chile es analfabeta, dado que no manejan la lengua de señas. A partir del hecho de que no todas las personas sordas en Chile saben lengua de señas, surgen las siguientes preguntas: ¿A qué se debe esto? ¿Podría ser por la invisibilidad del alfabetismo bilingüe de la comunidad Sorda en el país? Por lo tanto, se pretende realizar la siguiente hipótesis: la invisibilidad del analfabetismo presente en parte de la comunidad Sorda en Chile.

Palabras clave: Comunidad Sorda; alfabetización; alfabetización bilingüe; analfabetismo.

¹³ Contacto: miria.dacosta.faria@ua.cl

CORPO, MOVIMENTO E SENTIDOS: BASES MERLEAUPONTYANAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS PRIMEIRAS INFÂNCIAS

Katia Riveros Zepeda¹⁴

Este trabalho apresenta uma reflexão fenomenológica e pedagógica sobre a comunicação inclusiva na primeira infância, inspirada na filosofia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. A proposta dialoga com os avanços da comunicação social háptica e das tecnologias assistivas, mas destaca que o ponto de partida da inclusão não é a ferramenta técnica, e sim o corpo vivo e sensível, que constitui a base de toda experiência de aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, a comunicação antecede a linguagem verbal e manifesta-se por gestos, olhares, posturas, movimentos e ritmos compartilhados. Essas formas primárias de comunicação se sustentam na intercorporeidade, conceito central em Merleau-Ponty, que afirma que “o corpo é nosso meio geral de ver mundo”. Essa perspectiva permite compreender que a percepção não é uma simples recepção de estímulos, mas um ato relacional e situado, no qual a criança participa ativamente, construindo sentido na interação com os outros. Para muitas crianças com dificuldades na comunicação oral, a experiência tátil, háptica e motora é a principal via de participação e de construção de significado. Nesse contexto, as tecnologias assistivas e os recursos hápticos não substituem a relação corporal, mas podem ampliá-la e fortalecê-la, favorecendo a exploração do ambiente, a interação social e a aprendizagem inclusiva. A abordagem apresentada apoia-se em três princípios articuladores: (1) a primazia da experiência corporal, que reconhece o corpo e o movimento como base do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social; (2) a percepção como experiência relacional, em que os sentidos se entrelaçam no contato com outros e com o ambiente, tornando a comunicação social háptica uma via potente para a inclusão; (3) a afetividade como condição da comunicação, pois sem vínculo ético e acolhedor as tecnologias não se convertem em verdadeiras ferramentas inclusivas. A fenomenologia de Merleau-Ponty convida a repensar a educação inclusiva para além da visão instrumental, lembrando que a percepção está entrelaçada à motricidade, ao espaço vivido e à afetividade. Essa compreensão orienta a criação de ambientes educativos que integrem as contribuições da comunicação social háptica e das tecnologias assistivas sem perder de vista a centralidade do corpo e do encontro humano. A comunicação inclusiva, especialmente na primeira infância, deve considerar que aprender é inseparável do brincar, do movimento e do encontro com os outros. Integradas a esse horizonte, as tecnologias e as práticas sociohápticas tornam-se aliadas potentes da inclusão, respeitando a singularidade perceptiva de cada criança.

Palavras-chave: Comunicação social háptica; tecnologias assistivas; primeira infância; corpo e percepção; fenomenologia.

¹⁴ Contato: katia.riveros@gmail.com

CO-DOCÊNCIA NO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS UTILIZANDO O TATO E A AUDIÇÃO PARA ESTUDANTES COM CEGUEIRA

Rafael Joanan Farías Moreno¹⁵

A inclusão de pessoas com deficiência apresenta diversos desafios em diferentes instituições de Ensino Superior da América Latina. Em 2006 foi aprovada a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU), estabelecendo, em nível internacional, uma série de direitos relacionados à acessibilidade e às adaptações no âmbito da educação. O Chile, além disso, promulgou em 2021 a Lei nº 21.303, que modifica a lei de deficiência para reconhecer a diversidade linguística e cultural das pessoas Surdas, mencionando ainda que são elas que têm preferência no momento de ensinar a língua de sinais chilena (LSCh). Nesse contexto, cada vez mais instituições de ensino superior incluem a língua de sinais como disciplina ou atividade curricular dentro do plano de estudos. Em 2025, uma estudante com deficiência visual matriculou-se pela primeira vez na disciplina de língua de sinais em uma instituição de ensino superior da região metropolitana. Conforme sugere a lei, nessa instituição os docentes que ministram a LSCh são Surdos, o que representou dificuldades comunicativas na relação estudante-docente. A partir desse momento, a área de inclusão dessa instituição precisou elaborar uma estratégia para o ensino da língua de sinais que garantisse a participação da estudante cega. Dessa forma, o autor da presente proposta realiza esta pesquisa-ação, cujo propósito foi elaborar uma proposta de co-docência para o ensino da LSCh por meio do tato e da audição, direcionada a estudantes cegos. Para isso, iniciou-se a análise e a coleta documental sobre acessibilidade, ensino de língua de sinais e elaboração de audiodescrições. Por se tratar de uma metodologia de pesquisa-ação, as experiências coletadas e a forma de trabalho começaram a ser aplicadas, de modo que está sendo utilizada a língua de sinais tátil (comumente usada com pessoas surdocegas) para o ensino da LSCh à estudante com deficiência visual, com fundamento na abordagem corporificada, que valoriza as experiências sensoriais e motoras para a compreensão da linguagem (Lakoff; Johnson, 1999; Barsalou, 2008). Além disso, estão sendo realizadas audiodescrições em espanhol do vocabulário em LSCh, a fim de criar um repositório disponível para a estudante com deficiência visual e futuros estudantes cegos ou com baixa visão que ingressarem na instituição. Para este último trabalho, foram consideradas as opiniões da estudante cega como usuária final, em conformidade com os princípios do desenho universal e do desenho ecológico (Hermosa-Ramírez, 2025). Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, já é possível perceber certos avanços, como aspectos emocionais e de participação da estudante, cujo desempenho acadêmico tem sido ótimo graças às estratégias aplicadas.

Palavras-chave: Língua de Sinais Tátil; audiodescrições; acessibilidade; desenho universal; pessoas cegas.

¹⁵ Contato: rafael.farias@umce.cl

ENCONTRO POSSÍVEL: CRIANÇA SURDOCEGA E APRENDIZAGEM NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA À LUZ DA BNCC

Maria A. Amin de Oliveira¹⁶
Prof. Dra. Elaine Gomes Vilela

O marco legal da primeira infância define a primeira infância como o período que abrange os primeiros seis anos completos ou 72 meses de vida da criança. A lei reconhece a necessidade de atenção precoce às crianças de zero a 3 três anos que tenham nascido em situação de risco e deficiência e institui a Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado (PNAEE) para esta faixa etária. O bebê surdocego é alvo deste atendimento que prioriza o processo de interação e comunicação mediante atividades significativas e lúdicas (Brasil, 2016). A Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) chama de “primeiríssima infância” o período que abrange da gestação aos três primeiros anos de vida de uma pessoa e é considerado o mais relevante entre os períodos sensíveis do desenvolvimento cerebral (FMCSV, 2013). A surdocegueira é uma deficiência única e não deve ser tratada como um surdo que não pode ver ou um cego que não pode ouvir. Os perfis da pessoa surdocega variam de acordo com o grau de perda auditiva e visual, o período em que estas perdas ocorreram, e requer uma abordagem direcionada às suas especificidades, não sendo possível um programa educacional ou interventivo predeterminado. Este trabalho busca discutir as possibilidades de aprendizagem da criança surdocega na primeiríssima infância considerando a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017). De acordo com os dois eixos estruturantes da Educação Infantil, que são interações e brincadeiras, as crianças devem ter assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A primeiríssima infância ocupa duas de três etapas na divisão da BNCC da primeira infância que são os bebês (0-1a6m) e crianças bem pequenas (1a7m-3a11m). Esta fase é crítica para aquisição e desenvolvimento de várias habilidades, mas principalmente, linguagem, vínculo afetivo e cognição (Brasil, 2017). A criança aprende no dia a dia de maneira informal, na observação, por meio da imitação, experienciando o mundo e, assim acumula conhecimento na interação com os pais, assimila a cultura em que está inserida, dando significados à sua vivência. Mas o aprendizado precisa ser também sistematizado e formal e a intencionalidade pedagógica é ofertada pelos eixos da BNCC. Então, estar ciente da limitação sensorial imposta ao bebê surdocego que o impede de acessar naturalmente informações que promoverão o aprendizado informal levando a um prejuízo significativo na educação formal e não-formal torna imprescindível a elaboração de materiais orientadores para famílias e profissionais da saúde, educação e assistência social. Produção de conteúdo com foco na comunicação tátil, mediação afetiva e brincadeiras para construção de vínculo e aprendizagem. Criação de programas interventivos abrangentes, precoces que realmente atendam às singularidades de cada criança surdocega. Só assim este encontro entre criança surdocega e aprendizagem será possível.

Palavras-chave: Criança surdocega; primeiríssima infância; BNCC; educação infantil.

¹⁶ Contato: aminmaria59@gmail.com

FORMAÇÃO DE GUIAS-INTÉRPRETES NO PAR LIBRAS-PORTUGUÊS NO BRASIL: ANÁLISE DE UM CURSO DA AHIMSA A PARTIR DO PLANO DE ENSINO

Gustavo Costa Rodrigues¹⁷

Wharlley dos Santos¹⁸

Profa. Dra. Maristela Sanches Bizarro

A formação do guia-intérprete no par Libras-português (TGILSP) ainda encontra obstáculos para sua consolidação no Brasil. Nesse contexto, iniciativas complementares de formação voltadas à acessibilidade, sobretudo à atuação junto a pessoas com surdocegueira, tornam-se fundamentais. Este estudo analisa o curso “Formação em: Orientação e Mobilidade, Instrutor Mediador, Guia-Intérprete, AEE, Comunicação, Recursos Acessíveis e Tecnologia Assistiva de baixo custo”, ofertado pela Associação Educacional para Múltipla Deficiência Sensorial (AHIMSA), com o objetivo de compreender como sua proposta curricular amplia a formação dos guias-intérpretes no país. O referencial teórico baseia-se na concepção de competência tradutória, que integra dimensões linguísticas, culturais, técnicas e profissionais, conforme Pöchhacker (2004) e Hurtado Albir (2017), deslocando a formação para além do domínio de duas línguas. No campo da surdocegueira, autores como Vilela (2018, 2022) e Almeida (2017) destacam a centralidade da comunicação mediada pelo tato, mobilizando sistemas como Libras tátil, tadoma e comunicação social háptica, exigindo do guia-intérprete não apenas habilidades linguísticas, mas sensibilidade às condições sensoriais de cada sujeito. Essa perspectiva é coerente com o plano de ensino analisado, que articula fundamentos conceituais e metodologias aplicadas. A metodologia adotada é o estudo de caso, tendo como fontes o cronograma e o plano de ensino da AHIMSA. Segundo Yin (2015), essa abordagem permite examinar em profundidade fenômenos particulares, evidenciando suas especificidades. A análise concentrou-se na estrutura curricular, carga horária, modalidades formativas e eixos temáticos, buscando identificar componentes relacionados às demandas profissionais. Os dados indicam um curso robusto, com 300 horas totais, distribuídas entre aulas síncronas, atividades assíncronas em plataforma virtual (220 horas), práticas supervisionadas e estágio (80 horas). O conteúdo progride da terminologia e classificação da surdocegueira para aspectos emocionais, importância do tato e resíduos sensoriais, conhecimentos linguísticos do guia-intérprete e da pessoa com surdocegueira, técnicas de guia vidente, leitura e escrita em braille e múltiplos sistemas de comunicação tátil, como Malossi, Lorm, Moon, Libras láttil e comunicação social háptica. Inclui também reflexões éticas, discussões sobre tecnologia assistiva e práticas de transliteração, concluindo com estágio supervisionado que integra teoria e prática. Conclui-se que a proposta da AHIMSA constitui iniciativa abrangente, ao integrar fundamentos teóricos, metodologias participativas e experiências práticas, contribuindo para o fortalecimento da formação de guias-intérpretes em um cenário ainda marcado por desafios estruturais e de reconhecimento institucional.

Palavras-chave: Guia-Interpretação; profissionalização; surdocegueira; comunicação social háptica; competência tradutória.

GESTÃO DA GUIA-INTERPRETAÇÃO: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES DE UMA POLÍTICA NO BRASIL

Eliana Firmino Burgarelli¹⁹

Pedro Henrique Witchs²⁰

¹⁷ Contato: gustavotilsp@gmail.com

¹⁸ Contato: professorwharlley@gmail.com

¹⁹ Contato: elianaburgarelli@gmail.com

²⁰ Contato: pwitchs@gmail.com

Historicamente, pouco visibilizada nas políticas públicas, a guia-interpretação tem sido descrita como uma atividade cuja finalidade está na garantia da acessibilidade linguística, sensorial e de mobilidade de pessoas com surdocegueira. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que tematiza a constituição de uma política de guia-interpretação no Brasil. Com o objetivo de discutir aspectos da gestão da guia-interpretação no contexto nacional, o recorte se ancora no modelo teórico de políticas linguísticas de Spolsky (2004) e em adaptações desse modelo para políticas de tradução e interpretação (González Núñez, 2014; Burgarelli, 2022; Beer, 2024). Assim, toma um conjunto de acontecimentos, legislações e outros documentos políticos que permitem observações preliminares sobre um dos eixos da política brasileira de guia-interpretação, a gestão entendida como um conjunto de mecanismos legais, institucionais e sociais que regulamentam, sustentam ou limitam as atividades de guia-interpretação em um determinado domínio. Dentre os elementos identificados como resultados, destaca-se o reconhecimento e as condições de formação em guia-interpretação. Quanto ao reconhecimento, observa-se uma tímida menção ao profissional guia-intérprete e à guia-interpretação em dispositivos como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), o Decreto nº 5.626/2005, reconhecendo sua relevância como recurso de acessibilidade, e a Lei nº 14.704/2023, que altera a Lei nº 12.319/2010, incluindo uma explicitação ao profissional guia-intérprete. Quanto à formação de guia-intérpretes, quando não ocorre pela via da experiência empírica, ela aparece restrita à oferta de organizações da sociedade civil que têm se dedicado para suprir essa demanda no país ou a disciplinas e conteúdos diluídos em cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras oferecidos por instituições de ensino superior. Diante dessas observações preliminares, apesar de iniciativas que busquem o cumprimento de direitos linguísticos e de acessibilidade de pessoas com surdocegueira, oriundas de coletivos sociais formados por surdocegos, profissionais e pesquisadores aliados, argumenta-se que a gestão da guia-interpretação no Brasil enfrenta o desafio de ampliar o escopo de políticas públicas que assegurem plenas condições para a formação e visibilidade de guia-intérpretes.

Palavras-chave: Gestão da guia-interpretação; reconhecimento profissional; formação de guia-intérpretes.

(DES)COMPLICANDO A SURDOCEGUEIRA E A GUIA-INTERPRETAÇÃO: UMA PROPOSTA DE MINICURSO

João Paulo Navega Roque²¹

Gustavo Costa Rodrigues²²

Este trabalho tem como foco a experiência de oferta do minicurso on-line “(Des)complicando a Surdocegueira e a Guia-interpretação”, desenvolvido pela empresa SerLibras Acessibilidade. Os autores são guias-intérpretes atuantes e com pesquisa de mestrado na área de comunicacional e educacional. A proposta surgiu devido a necessidade de ampliar a compreensão sobre a surdocegueira, reconhecida atualmente como deficiência única, com características próprias e que demanda práticas formativas específicas. Assim como, auxiliar na formação inicial de profissionais para trabalhar com a pessoa surdocega. Apesar dos avanços nas políticas públicas de inclusão, ainda há lacunas significativas na formação de profissionais capacitados para lidar com as demandas comunicacionais, sociais e educacionais da população surdocega. Nesse sentido, o minicurso foi estruturado com o objetivo de capacitar os participantes para compreender os fundamentos da guia-interpretação, desenvolvendo competências relacionadas à comunicação, à orientação, à mobilidade e à mediação do acesso à informação e à interação social. O minicurso conta com carga horária de 10 horas. O presente estudo lança mão da metodologia de estudo de caso. Os resultados evidenciaram que a iniciativa contribuiu para a sensibilização dos inscritos quanto à importância da atuação do guia-intérprete, oferecendo fundamentos teóricos e práticos que possibilitaram reflexões sobre ética, autonomia e valorização da dignidade das pessoas surdocegas. Observou-se que o minicurso favoreceu uma mudança de perspectiva nos participantes, que passaram a compreender a guia-interpretação como prática essencial à inclusão e à acessibilidade comunicacional da pessoa surdocega. Conclui-se que a proposta constitui uma possibilidade concreta e eficaz de introdução ao campo da guia-interpretação, representando um recurso formativo inicial capaz de inspirar práticas inclusivas fundamentadas em princípios éticos e no respeito à diversidade. Além disso, o minicurso se mostra como um caminho promissor para ampliar a qualificação de profissionais interessados em atuar na área, fortalecendo a rede de apoio necessária à garantia de direitos e à promoção da participação social das pessoas surdocegas.

Palavras-chave: Acessibilidade Comunicacional; formação de guias-intérpretes; guia-interpretação; surdocegueira.

²¹ Contato: joagavenasigna@gmail.com

²² Conato: gustavotilsp@gmail.com